

Fragmentos das memórias de moradores do bairro do Ipiranga em São Paulo: (re) construção da história do tempo passado e do tempo presente

MARLENE ALMEIDA DE ATAÍDE*

Resumo: Este trabalho pretende apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que tem como sujeitos moradores do bairro do Ipiranga em São Paulo, para conhecer através dos fragmentos das memórias os fatos significativos que marcaram ou marcam as suas vidas. Durante longos tempos argumentações foram sendo acatadas de que a “matéria prima” na perspectiva da pesquisa histórica centrava-se exclusivamente no passado, o presente e a contemporaneidade, não fazia parte da história. Tal concepção ainda inspira pesquisas e o tempo presente é tratado como de propriedade da antropologia, da sociologia, da psicologia etc., e não, da história. Consentir a inseparabilidade do presente e do passado significa compreendermos que todo historiador pesquisa o passado a partir do seu tempo (que é o presente) e do seu espaço social (hoje), pode-se aceitar que história do tempo presente modifica a história do tempo passado. Portanto, a história do tempo presente é determinante das descobertas da história do passado vivo. Ou, podemos argumentar que a história do tempo presente não é só importante em si mesma, mas é também determinante do conhecimento do passado. As histórias do tempo presente reconstroem as histórias do passado, sendo fundamentais para a história e a historiografia do passado, do presente e da projeção do futuro. Assim, a história do tempo presente também adquire importância decisiva quando se apóia nas descobertas das ciências sociais contemporâneas refletindo sobre as internalizações do social por parte dos indivíduos que possuem uma mesma formação ou configuração social, pois tanto as histórias quanto as memórias não mais parecem ser objetivas. Por oportuno, a carga de subjetividade humana presente em todas as práticas sociais constitui uma das centralidades da pesquisa e da produção de conhecimentos históricos, inclusa nesta perspectiva a ampla diversidade das histórias. Defender a relevância teórica prática da história do tempo passado e presente objetivam ressaltar as memórias dos moradores do

* Doutora em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). Professora e pesquisadora do curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro (UNISA – SP). Endereço Profissional: Rua Isabel Schmidt, 349 – Santo Amaro – SP. E-mail: <maataide@yahoo.com.br>. Telefone: (11) 2068-6823.

1
bairro do Ipiranga, São Paulo, por meio das fontes construtoras desse campo (especialmente, as orais) que se constitui como uma dimensão epistemológica da história oral. Trata-se de pesquisa qualitativa que utilizou a metodologia da história oral na perspectiva sociológica. A história oral contemporânea assume lugar de destaque e se legitima no âmbito das ciências humanas e sociais enquanto campo fértil que se utiliza das pesquisas de abordagem qualitativa. Enquanto uma metodologia ou técnica de pesquisa atinge os mais variados sujeitos ou, instituições sociais na busca do resgate das memórias individuais ou coletivas. Mergulhar na história do tempo presente, para além da história do passado, significa compreender o nosso tempo e, nele, porque não dizer nossas vidas.

Palavras chave: Memória, história, história oral.

A história do tempo presente: algumas considerações

Na visita a literatura há praticamente unanimidade de que a história nunca se modificou tanto e com tamanha velocidade como na segunda metade do século passado. Portanto, compreender o presente é fundamental para rever o passado, pois partimos sempre dele para reconstruí-lo.

Na atualidade, a história tornou-se objeto da maior importância, pois vem sendo enfatizada, frequentemente no cotidiano, por intermédio das pessoas, pelos profissionais das mídias escritas, faladas, tudo isso fruto das novas tecnologias da informação. Por outro lado, observa-se sua vivacidade na medida em que cria um crescente impacto na vida cotidiana das pessoas, pois é,

“[...] após um período em que a epistemologia privilegiava a continuidade, a constância, as estruturas, nossos contemporâneos redescobriram, graças ao fato e à atualidade, a importância da história. A atualidade nos persegue não nos poupa: há uma demanda social e disso somos [...] testemunhas” (RÉMOND, 2006:206).

Não se trata de apostar no presenteísmo e, sim, de argumentar sobre o somatório de créditos à história do tempo presente tanto em si como para a sua importância para a pesquisa histórica, por considerar que o tempo presente não está se fazendo em consonâncias com os padrões de continuidade e das rígidas estruturas

2

previstas teoricamente. Na pesquisa do tempo presente dele partimos regressivamente em busca de outras reconstruções históricas. Para tanto cabe uma atenção especial quanto ao argumento de estar implícita maior ou menor facilidade teórico-metodológica.

Por outro lado, aprendemos que,

“[...] oposição presente/passado não é um dado natural, mas, sim, uma construção”; “[...] a visão de um mesmo passado muda segundo as épocas e que o historiador está submetido ao tempo em que vive”; “[...] o interesse do passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente” (método regressivo de Bloch) e “[...] a história não só deve permitir compreender o ‘presente pelo passado’ atitude tradicional, mas também compreender ‘o passado pelo presente’” (LE GOFF, 2006:13-24).

A pesquisa da história do tempo presente exige “rigor teórico-metodológico igual ou superior à história de outros períodos, enfatizando a disciplina, a probidade e a busca constante da ética da verdade” (RÉMOND, 2006:206). Ademais, como pesquisadores nunca neutros, mergulhados numa “atualidade que nos persegue” e nos convoca a desvendá-la para assim caminharmos para o passado, pois “Devemos ser responsáveis na pesquisa da verdade objetiva sobre o tempo presente” (RÉMOND, 2006:206).

Referido autor assevera que,

“Historiadores do tempo presente precisam rever continuamente a delimitação do seu campo de pesquisas. Por um deslocamento contínuo e ininterrupto, um problema, um assunto ou um tema que definia seus objetos retira-se do campo, cai em uma história que não é mais do tempo presente. E como resultado da aceleração, que nos fez ver em dois ou três anos o cenário transformar-se, a maioria dos temas que estavam no cerne da investigação e da reflexão da história do tempo presente de repente envelhece e passa à condição de objeto do passado: a Guerra Fria, o comunismo, a descolonização. Conseqüentemente, os historiadores do tempo presente devem estar atentos às mudanças, acolher novos temas, dar provas de imaginação” (RÉMOND, 2006: 207-208).

Percebe-se desta forma que existe uma diferença do pesquisador do tempo presente em relação aos demais ao se confrontar com a atualidade, ou seja, seu olhar tem raio curto, concentra-se nos detalhes e se diferencia dos que trabalham com as longas durações naquilo que se repete e se consolida facilita o entendimento dos fenômenos mais estáveis e constantes (estruturais). Por seu turno, a história do tempo presente “evoca a importância da contingência e do fato: a história é feita de surpresas, mais de surpresas do que de ardis” (RÉMOND, 2006:208-209).

Tempo presente: avanços e os desafios

É importante destacar alguns avanços e, também, os desafios das pesquisas do tempo presente em relação aos historiadores de outros períodos. Conforme CHARTIER (2006), a pesquisa histórica do tempo presente “[...] não é a busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra as vidas” e, ademais, ele é o “[...] único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cujas histórias ele escreve” (CHARTIER 2006:215-216).

Com efeito, além de contar com recursos documentais abundantes, renováveis e que parecem não se esgotar, mas, ao contrário, se multiplicar, estes historiadores podem construir seus próprios arquivos.

Do prisma das conseqüências da crescente importância atribuída à história do tempo presente podemos reafirmar com Chartier que,

“[...] essa história inventou um grande tema, agora compartilhado por todos os historiadores, seja qual o for o período de sua predileção: o estudo da presença incorporada do passado no presente das sociedades e, logo, na configuração social das classes, dos grupos e das comunidades que as constituem” (CHARTIER, 2006:216).

Ainda de acordo com Chartier, a história do tempo presente articula “[...] a parte voluntária e consciente da ação dos homens e os fatores ignorados que a circunscrevem e a limitam” (CHARTIER, 2006: 216). Para esse autor, a argumentação se torna fundamental, pois,

“[...] os trabalhos mais argutos dos historiadores contemporâneos [...] são aqueles que se recusando a identificar a história a essa filosofia mutilante do sujeito e da consciência, inserem as escolhas, os compromissos ou as decisões mais voluntárias nas circunstâncias que os tornaram cogitáveis e, logo, possíveis, bem como nos determinantes que os regem e comandam” (CHARTIER, 2006: 217).

Assim, constata-se que as pesquisas do campo da história do tempo presente têm uma “peculiar pertinência a aspiração à verdade” que é própria da pesquisa histórica. Concordamos com Chartier quando afirma que “a história do tempo presente, mais que todas as outras, mostra que há entre a ficção e a história uma diferença fundamental que consiste na ambição da história de ser um discurso verdadeiro, capaz

4

de dizer o que realmente aconteceu. Essa vocação da história, que é ao mesmo tempo narrativa e saber, adquire especial importância quando ela se insurge contra os falsificadores e falsários de toda a sorte que, manipulando o conhecimento do passado, pretendem deformar as memórias” (CHARTIER, 2006: 217-218).

Certamente, neste sentido, as fontes orais têm se revelado com aliadas indispensáveis dos pesquisadores do tempo presente (ALBERTI, 2004). De todo modo, a abundante presença (quase permanente) das gravações de depoimentos de pessoas comuns e de personalidades no terreno dessas investigações, continua a revelar a importância crescente dessas fontes. O fato de que, nos encontros de pesquisa das diversas ciências sociais, as fontes orais (ou a chamada história oral) tenham se constituído em importante aparato das pesquisas qualitativas também nos faz constatar sua estratégica presença.

Isto se dá, basicamente, porque “abordar o fenômeno da oralidade” é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: “o processo de comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e esfera simbólica humana” (LOZANO, 2006: 15). Ora, comunicação, linguagem, cultura e esfera simbólica são constituintes da própria formação humana. Concordamos com Lozano ao afirmar que,

“[...] a história oral é um espaço de contato e influência interdisciplinar; social, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura centrar a sua análise na visão e na versão que emanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais” (LOZANO, 2006: 16).

Assim, não podemos concordar com a idéia de que a história oral é uma “[...] outra história”. Neste sentido, os argumentos de (FRANÇOIS, 2006:4) são convincentes ao argumentar que, “De fato, especialmente nos países germânicos”, a história oral é vista como ‘outra história’ diferente, tanto em seus objetos como em suas práticas, de história ‘alternativa’, livre e emancipadora, em ruptura com a história acadêmica institucional”.

Para justificar tal visão François, apresenta dois argumentos, ou seja:

“[...] A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos, aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada, à história local e enraizada. Em segundo lugar seria inovadora por suas abordagens que dão preferência a uma ‘história vista de baixo’ [...] atenta às maneiras de ver e sentir e que às estruturas ‘objetivas’ e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente ‘micro-histórica’. Entretanto, reparando melhor, nenhuma das razões alegadas para justificar a pretensão da história oral a ser uma ‘outra história’ – e que de tão repetidas quase se tornaram banais – resiste a um exame de especificidade. De fato, longe de serem próprias da história oral, as atenções dadas a novos objetos e a adoção de novas abordagens são, pelo contrário, observadas muito além dos seus limites [...] e constituem apenas um aspecto entre outros das redefinições metodológicas e das mutações internas da pesquisa histórica atualmente em curso” (FRANÇOIS, 2006: 4-5).

Ainda segundo a referida autora, (2006) podemos dizer que a história oral deve parte do seu sucesso atual ao fato de ter sabido adaptar à história do tempo presente e às problemáticas e aos métodos desenvolvidos pelo que ainda há pouco chamávamos de nova história. E, assim, não podemos afirmar que a história oral é uma “outra” história, pois “[...] pelo alargamento de perspectiva que ela já trouxe, a história oral parece-me ter demonstrado que é mais do que um simples aperfeiçoamento técnico ou um requinte metodológico”. (FRANÇOIS, 2006:7).

Neste sentido, parece-nos correta a afirmativa de Lozano ao ressaltar que,

“A história oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico. De início, apresenta uma problemática, inserindo-a num projeto de pesquisa. Depois, desenvolvemos procedimentos heurísticos apropriados à constituição de fontes orais que propôs a produzir. Na hora de realizar essa tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle às críticas interna e externa da fonte constituída, assim como das fontes completares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes recompiladas ou acessíveis” (LOZANO, 2006: 16).

Ao utilizar a oralidade como uma das suas fontes principais, os historiadores do tempo presente não apenas registram a história vista de baixo, ou ‘dão voz’ aos que não a possuem, e nem fazem com que suas capacidades de pesquisar sejam substituídas pela gravação. E não ficam por aí: buscam outras fontes, apostam na interdisciplinaridade, aproximam-se das ciências sociais/humanas, enfim, têm um olhar crítico sobre a relação do pesquisador do tempo presente com os problemas, os sujeitos e as incertezas da sua pesquisa.

6

Temos que destacar, ainda, com Lozano, especialmente quando pensamos a pesquisa contemporânea, que,

“De certa forma, o historiador oral que tende a integrar todas essas práticas, está em busca do seu passado e ao mesmo tempo de sua identidade. Neste estilo de trabalho, a tarefa de produzir conhecimentos históricos se torna válida e especialmente rica e atual, já que implica: reflexão teórica; trabalho empírico e de campo; maior ligação e vínculo pessoal com os sujeitos estudados; um processo de constituição de uma fonte e um processo de produção de conhecimentos científicos, isto é, um processo que permite ao pesquisador se transformar no que sempre pretendeu ser, um historiador” (LOZANO, 2006: 24).

Em suma, se as fontes orais da contemporaneidade propiciam tantos avanços nas pesquisas, como bem assinala François, “[...] é porque seu potencial heurístico vai além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples ‘ciência auxiliar’, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar num verdadeiro salto qualitativo” (FRANÇOIS, 2006:9). E, talvez, nenhuma outra fonte histórica consiga evidenciar a proximidade da pesquisa empírica e da reflexão teórica com os métodos e os problemas (e seus sujeitos), além de demonstrarem cabalmente que a produção historiográfica é sempre elaborada pelo pesquisador e que a história não é resgate, mas, sim, (re) construção.

A memória e a pesquisa: algumas palavras

“A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais”. (Pierre Lévy)

Para (HALBWACHS, 2006:30) “Nossas lembranças permanecem coletivas”. Ou ainda,

“Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (ROUSSO, 2006: 94-95).

Todavia, a explicação tradicional, na qual a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história espelha a memória, parece demasiado simplista na contemporaneidade. A história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresentam como as

7

atividades inocentes que julgávamos até bem pouco tempo atrás. Num caso como no outro, os historiadores aprenderam a considerar fenômenos com a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção.

Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. “Não é obra de indivíduos isolados”. (BURKE, 2000: 69-70).

No entanto, coube a Maurice Halbwachs (2006) pesquisar mais detalhadamente o que denominou “estrutura social da memória”, ainda na década de 1920. Segundo o sociólogo francês, as memórias são construções dos grupos sociais. Embora sejam os indivíduos que lembram, no sentido literal da expressão, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais será lembrado. Portanto, os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos relevantes para o seu grupo. “Lembram muito o que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. Daí, pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado”(BURKE, 2000:70).

As memórias são colhidas por intermédio de narrativas e conforme (BOSI, 1994:13), “Narrar também é sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto.” Para referida autora ao descrever a substância social da memória mostra que o modo de lembrar é individual, tanto como social. “O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também repercute no modo de lembrar.” (BOSI, 1994:31).

O trabalho investigativo se pautou em uma pesquisa de natureza qualitativa – que indica uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, uma interdependência viva entre pesquisador e o sujeito da pesquisa – um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos no processo investigativo. Martinelli ao referir-se às pesquisas qualitativas, apresenta com ênfase que “muito mais do que descrever um objeto, busca-se conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos”, pois na pesquisa qualitativa o pesquisador é também “um sujeito da pesquisa”. Frisa, ainda, que a pesquisa qualitativa permite que o profissional busque expressão e sentido dos sujeitos e suas histórias. (MARTINELLI,

8
1999:27).

A orientação filosófica adotada foi a do materialismo histórico dialético, que propicia a relação dinâmica entre sujeitos e objeto no processo de construção do conhecimento. Nesta perspectiva, “O método de análise, na perspectiva dialética materialista, não se constitui em ferramenta asséptica, uma espécie ‘de metrologia’ dos fenômenos sociais. Pois, [...] Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto”. (FRIGOTTO, 1991:76-77)

Assim, o presente trabalho busca privilegiar por intermédio da memória a história que os sujeitos da pesquisa moradores do bairro do Ipiranga-SP, retêm desse antigo bairro da cidade de São Paulo.

Procedimentos metodológicos

Este estudo privilegiou a metodologia e procedimentos técnicos da história oral, por intermédio da gravação de depoimentos e entrevistas dos fatos marcantes que testemunharam e compõem a memória e a história dos sujeitos da pesquisa que residem no bairro do Ipiranga-SP.

Trata-se de pesquisa com resultados parciais, que entrevistou até o momento apenas dois moradores do referido bairro. É importante assinalar que os sujeitos entrevistados assinaram o termo de consentimento permitindo a autorização da entrevista e a divulgação de excertos dos depoimentos gravados cujos nomes não serão divulgados para preservar suas identidades. A partir da ordem cronológica de cada entrevista os sujeitos da pesquisa foram denominados de: **ipiranguista 1 e ipiranguista 2**.

As brilhantes palavras de (Thompson, 2002, p. 197), sugerem que,

“Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar a subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, porque não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados no divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair os mais profundos de seus segredos”?

Mas para isso, observa-se, o pesquisador deve possuir sensibilidade, e acima de tudo estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuos, para que não necessite induzir o entrevistado a respostas que apenas o pesquisador queira ouvir. Portanto, é essencial que a questão ética esteja permeando a relação a partir da abordagem preliminar.

Falar de recordações significa voltar ao tempo para trazer à tona as lembranças, vivências e as experiências imediatas das nossas vidas. Neste caso estamos falando da memória, que num primeiro momento expressa a presença do passado e que para o sociólogo francês, Burke (2000), as memórias são construções dos grupos sociais. A memória, seja como história da sociedade ou não, tem o papel de nos libertar do passado.

Os estudiosos da História Oral Ferreira e Amado (2006); Pollack, (1989) assinalam que a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é, também, o registro do presente que permanece como lembrança. A memória pode ser considerada uma evocação do passado. É a capacidade que o homem possui de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nesta perspectiva que se pretende trazer à tona as narrativas dos sujeitos entrevistados, a partir das lembranças retidas na memória.

As narrativas dos sujeitos: recordar é viver... fragmentos da memória

“Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”.(Walter Benjamin)

O filósofo alemão Walter Benjamin afirmou certa vez que, “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais.” Benjamin anunciava que a experiência de narrar estava em vias de extinção, pois “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, ou seja, parece cada vez maior o universo de pessoas pobres em histórias, embora ricas em informações, como diz o filósofo alemão. Referido filósofo traça uma diferença entre a informação e a narrativa/história ao alertar que a primeira é direta, tem um ponto a atingir e aí ela se esgota, já “com a narrativa é diferente: ela não se esgota. Conserva sua força reunida em seu âmago e é capaz de,

10

após muito tempo, se desdobrar” (BENJAMIN, 1994:197-198).

Os **ipiranguistas** conforme denominados são antigos moradores do bairro do Ipiranga, onde nasceram e foram criados, estudaram nas escolas públicas do bairro, construíram suas famílias. O **ipiranguista 1** é formado em farmácia bioquímica pela USP, e o **ipiranguista 2** é advogado, ambos na faixa etária de 76 e 74 anos respectivamente. Importante ressaltar que o **ipiranguista 1** é um escritor que recentemente publicou a sua obra denominada “Ouviram do Ipiranga: fragmentos de uma vida” e teve como objetivo segundo as suas informações,

“para homenagear meus pais porque como tantas outras pessoas que vieram de campos de concentração ou não, por que tivemos árabes, italianos maravilhosos aqui, que não tiveram o devido valor, o merecido valor e eu sempre morei no Ipiranga, sempre gostei do Ipiranga” (ipiranguista 1).

Foi interessante perceber que cada depoente traz na sua narrativa as lembranças desse bairro antigo, e a sua origem a partir do que Benjamin (1994) atribui a experiências que são contadas ‘boca a boca’, pela narrativa, como meio de troca de vivências e recriação das mesmas, por intermédio das histórias pertencentes a narrativas anônimas ao enfatizar que “[...] o narrador retira da experiência que ele conta [...] e incorpora as coisas narradas às experiências de seus ouvintes”. (BENJAMIN, 1994:201). As narrativas que seguem indicam que as lembranças retidas na memória dos depoentes foram se forjando nessa perspectiva vejamos com relação ao nome do bairro.

O **ipiranguista 2** revela a sua militância política no bairro ao descrever que,

“Vivendo aqui na Colina Histórica com 14 anos começamos assumir a liderança no futebol de rua, após em grêmio e time de futebol. Depois de formado participamos das principais entidades do Ipiranga e em muitas delas fomos presidente. Atualmente presidimos a SAMPA – Sociedade Amigos do Museu Paulista da USP e desde 1967 sou colunista da Gazeta do Ipiranga (Amigo do Bairro) (ipiranguista 1).

Nas suas narrativas o **ipiranguista 1** descreve a origem do bairro ao alegar que,

“[...] os relatos sobre a origem do bairro do Ipiranga dão conta da existência de povoamento, na região pelos índios Guaianases e o local ficou conhecido como Ypiranga nome dado pelos índios que significa água vermelha, na língua tupi, devido a existência da água barrenta no riacho que cortava aquelas terras. Vieram então os brancos que expulsaram os índios e deram início a expansão do território, chegando no final do século

XVI a ter um número de 1.500 habitantes que estiveram distribuídos em pequenas fazendas, sítios e chácaras”(ipiranguista 1).

Já o **ipiranguista 2** não se deteve ao detalhe da origem do bairro, e inicia a sua narrativa trazendo uma época mais recente também compartilhada pelo **ipiranguista 1** ao ressaltam que,

“Há 60 anos atrás Ipiranga era como uma cidade do interior que quase todo mundo se conhecia. Poucas ruas eram pavimentadas. A garotada jogava futebol na rua. As festas juninas eram feitas entre os vizinhos com fogueira nas vias públicas. A segurança era tranqüila” (ipiranguista 2).

“[...] naquela época no nosso bairro eu nasci em 1936, vamos dizer quando eu tinha uns 9, 10 anos, isso 45, 44, o bairro era operário e então o que a juventude fazia? Os que sabiam jogar futebol jogavam os outros que não sabiam como eu assistia, então como sou de origem judaica eu sempre liguei muito futebol, vida, judaísmo e política” (ipiranguista 1).

Outro aspecto a ser observado nas narrativas é que ambos os sujeitos trazem semelhanças na representação do bairro relativas às suas infâncias, e juventude, ou seja, o futebol, o bonde que era o meio de transporte daquela época, o bairro de Heliópolis e suas casas, entre outros, ao dissertarem que,

“No meu tempo de criança e adolescência havia o bonde que vinha do centro da cidade e ia até o fim da Rua Silva Bueno, era o bonde fábrica 23. Nessa mesma linha, outro bonde ia até o fim da Rua Silva Bueno, virando a esquerda chegando a Heliópolis, que era um bairro lindo, com casas quase todas térreas, com jardins e ruas bem arborizadas e na maioria das casas moravam estrangeiros. Gradativamente foi se descaracterizando, aparecendo então os campos de futebol de várzea, transformando-se depois em favela. Das lembranças que tenho do bairro principalmente da infância com meus amigos, eu tive vários amigos, o clube que foi muito importante na minha vida, os vizinhos, a Sinagoga, pois meus pais fizeram uma Sinagoga no bairro e que depois foi doada para uma instituição de crianças (ipiranguista 1).

Havia bonde na Rua Silva Bueno e em parte da Rua Bom Pastor. A maioria das crianças estudava em escola pública. Eu estudei na EE Visconde de Itaúna – curso primário. Era rara a construção de prédio. O mais alto era sobrado. Havia diversos campos de futebol, campos da várzea. Havia vários cinemas. O bairro do Ipiranga foi evoluindo sumiram os cinemas. Iniciaram as construções de prédios de apartamento – condomínios. Os ônibus que circulavam nas Ruas Silva Bueno e Bom Pastor começaram a cortar as outras ruas paralelas. No passado o Ipiranga era como uma cidade do interior e nas décadas de 40 e 50 o C.A. Ypiranga era o pólo esportivo e concorrido centro social do bairro. Um grande número de cinemas. Os bailinhos para os jovens no Centro Independência e no Cisplatina F.C. O grande número de clubes de várzea. Os passeios ao Museu do Ipiranga e visita ao avião Jahú que ficava numa cobertura atrás do museu. O Heliópolis possuía lindos casarões, muitos campos de futebol e uma pequena indústria - Ceratti - onde os ipiranguistas iam comprar mortadela. Uma linha de bonde servia de turismo até lá. Lembro dos desfiles de bandas e fanfarras e de escolas de samba na Rua Silva Bueno. A comemoração do final da II Grande Guerra

Mundial com a chegada dos pracinhas quando nosso avô materno levou-nos de bonde para a Av. São João, local do desfile (ipiranguista2).

As recordações da fase da infância e da juventude de ambos os ipiranguistas denotam certa nostalgia quanto às lembranças retidas daqueles tempos, especialmente os locais de lazer e de cultura que com o passar dos tempos foram substituídos por equipamentos, modernos, por exemplo, os cinemas que tinham como finalidade levar cultura aos moradores, estão atualmente instalados nos *Shopping Centers* da região e os campos de futebol de várzea deram lugar aos arranha-céus.

Do ponto de vista de locais que se destacam no bairro, narraram que,

Anteriormente o Ipiranga servia apenas como uma parada para viajantes que se dirigiam para Santos. Em uma dessas paradas ficava, a “Árvore das Lágrima” onde era ponto de parada e despedidas dos que acompanhavam parentes com destino a cidade santista ou para outros lugares distantes. Esta árvore tem mais de 100 anos, ela ainda existe e é muito bonita. no século XX veio a ser ponto de encontro novamente, mas a situação era muito mais triste, pois lá se reuniam as famílias para se despedirem dos pracinhas que pertenciam à Força Expedicionária Brasileira (FEB), os quais eram enviados para a Itália durante a segunda Guerra Mundial. (ipiranguista1).

Hoje e sempre o Ipiranga destacou-se pelo esporte – C.A.Ypiranga, seus museus, Parque da Independência, a única Santa brasileira – Santa Paulina, Casa do Grito, Árvore das Lágrimas, Caminho do Mar, Escola de Samba Imperador do Ipiranga (ipiranguista2).

Nas narrativas de ambos os ipiranguistas vêm à tona a “Árvore das Lágrimas“, porém o **ipiranguista 1** fornece maiores detalhes dessa árvore centenária que serviu como ponto de parada para os viajantes em direção a cidade de Santos, bem como, era local para despedidas para aqueles que seguiam para locais mais distantes, como era o caso dos pracinhas da Força Expedicionária que eram enviados para a Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Já o **ipiranguista 2**, procurou privilegiar locais como os patrimônios históricos e outros aspectos que considera importantes ao destacar a Madre Paulina que foi beatificada e se tornou santa perante a igreja católica.

Nas suas lembranças tem lugar reservado os patrimônios históricos do bairro e cada um a seu modo embora guarde algumas semelhanças os descreve conforme as narrativas que seguem:

“Acho que tem duas coisas para mim. O Museu que é um espetáculo. Tanto o Museu propriamente dito que expõe as coisas como o jardim do Museu era a única época em 7 de setembro que tinha as fontes e saiam as águas de cores diferentes. E tem o Museu da Zoologia que chamavam o “Museu dos Bichos.” O Museu é muito importante no bairro e tem também as casas do

Jafet e o prédio da Sub Prefeitura que são tombados pelo Patrimônio Histórico (ipiranguista1).

“Museu a céu aberto – pela existência de 4 museus – História, Zoologia, mágicos e carros antigos. Aquário de São Paulo. Universidades. Arquivo da Cúria Metropolitana” (ipiranguista 2).

As lembranças apresentam significações que merecem ser desveladas, pois envolvem um processo de construção e reconstrução de experiências vividas, que podem contribuir para um melhor entendimento da interação do homem com seu meio social, político e cultural. As lembranças estão repletas de lembranças de um período em que a paisagem do bairro era muito diferente da atual. Apesar de em alguns momentos das narrativas revelarem certa nostalgia com relação à paisagem e às vivências de outrora. O resgate das narrativas possibilitou a construção da história cotidiana dos antigos moradores, estabelecendo uma teia de relações em que o passado e presente, o local e global, se manifestam nas múltiplas realidades vividas. Ou ainda, conforme as palavras de Bosi, “[...] O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta como a das árvores é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu” ou ainda, “O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade. É um *lugar nosso* [...]”. (BOSI, 2003: 204).

Esse “*lugar nosso*” está implícito nas palavras do **ipiranguense 2** ao enfatizar que,

“Somos muito bairristas e sempre procuramos enaltecer tudo que tem e ocorre no bairro do Ipiranga. Inventamos os festejos e as comemorações de aniversário do Ipiranga. Idealizamos e coordenamos a escolha da bandeira e do hino do Ipiranga. Nossa família sempre viveu no Ipiranga. Escrevo a 46 anos na Gazeta do Ipiranga – Coluna Amigo do Bairro – para promover e enaltecer tudo que aqui ocorre”.

Considerações finais

Reconstruir as memórias dos moradores do bairro do Ipiranga significou um esforço, que trouxe significados nesta pesquisa, qual seja a compreensão desse lugar que guarda um “museu a céu aberto” cuja história tem um profundo diálogo com a história do Brasil. Os entrevistados nasceram e se criaram no bairro e acompanharam o processo de desenvolvimento, concebido sob inspiração dos discursos ora da estagnação, do progresso e da modernidade. Através das suas narrativas foi possível resgatar e reconstruir alguns aspectos da história do bairro e acontecimentos sociais, pois cada depoente participa a seu modo da construção dessa história, ou ainda,

14

segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), é por meio da narrativa que as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis implicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Nas narrativas dos depoentes é nítido o caráter afetivo que perpassa os diferentes lugares do bairro na memória, importantes no processo de construção/reconstrução das identidades desses moradores. São lugares que possuem uma dimensão simbólica e funciona como suportes materiais para a memória do bairro.

A pesquisa possibilitou, enfim, ampliar a compreensão sobre essas relações que tão profundamente ligam essas pessoas ao bairro. Importante ressaltar que embora o ato de lembrar envolva diferentes temporalidades e não se restringe tão somente ao passado, perpassa pelo presente que permitiu abarcar o momento atual que o bairro está a vivenciar.

No entanto, reconstruir o passado do bairro Ipiranga, se constitui em uma viagem incompleta, seja pela continuidade dessa viagem, seja por outros sujeitos com os quais pretendo dialogar, sendo esse percurso guiado pela paixão em conhecer a história pública desse bairro, pela construção dos conhecimentos e daquilo que posso denominar de procedimento, técnica, metodologia como enfatizam os autores que ancoram este texto. Em outras palavras, concluir essa viagem exige amadurecimento para responder outras questões frente ao que o objeto de estudo nos coloca. E esse amadurecimento, a meu ver, é parte integrante das próprias incertezas geradas pelo conhecimento.

Referências bibliográficas

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lestov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

_____. Memória da cidade: lembranças paulistanas *Estudos Avançados* 17 (47), 2003. p. 198-211

15

BURKE, P. História como memória social. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2000.

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

ETIENE, F. A. fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). In: *Metodologia da pesquisa educacional*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

JOVCHELOVITCH, S. e BAUER, M. W. A entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOZANO, J. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

MARTINELLI, M. L. Seminário sobre metodologias qualitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, M. L. (Org.). In: *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999. Série (Núcleo de Pesquisa; 1).

RÉMOND, R. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

POLLACK, M.; Memória, Esquecimento, Silêncio; In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 2002.